



Síntese histórica e marxismo na obra de Emília Viotti da Costa de 1960 a 1980 a partir de *Da Senzala à Colônia e Da Monarquia à República*

Bolsista: Clara Monteiro Schuartz

Orientador: Thiago Lima Nicodemo

Apoio FAPESP

A pesquisa aqui apresentada se iniciou em Junho de 2019, com apoio da FAPESP, e segue sendo realizada até Junho de 2021. O objetivo da pesquisa é estudar o trabalho da historiadora Emília Viotti da Costa entre os anos 1960 e 1980 entendendo sua forma específica de escrita sobre os temas da escravidão no Brasil dentro de uma perspectiva marxista. A pesquisa portanto se insere dentro do campo da história da historiografia e da teoria da história. Emília Viotti da Costa é uma autora que marca a historiografia brasileira por suas contribuições para historiografia da escravidão, teoria da história e interpretações do Brasil de forma geral. Apesar de sua importância reconhecida em diferentes universos dentro da disciplina histórica, como comprova o título de professora emérita, concedido pelo departamento de História da Universidade de São Paulo em 1999, a autora parece ser ainda pouco estudada dentro da história da historiografia: movimento esse que, como denuncia Maria Glória de Oliveira¹, faz parte de uma ausência de estudos sobre mulheres dentro do campo.

Partimos da trajetória acadêmica de Viotti, inserindo suas publicações e pesquisas ao longo da segunda metade do século XX, buscando entender qual o seu lugar como intérprete da História do Brasil, e quais as relações ela mantém ou rompe tradição intelectual brasileira. Como ela foi inserida no pensamento social brasileiro, de forma bastante específica como

¹ Discussão que se apresenta no artigo *Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia*. A análise da autora parte da ausência do estudo sobre historiadoras dentro da área da história da historiografia, e a ausência do gênero como categoria de análise neste mesmo campo.



demonstram a organizações de arquivos, homenagens e obras de balanço historiográfico brasileiro. Sua aposentadoria compulsória e mudança aos Estados Unidos em 1969 são alguns do elementos de sua trajetória acadêmica e pessoal que buscamos compreender na pesquisa.

Ao longo da pesquisa buscamos revisitar a forma como a historiografia da escravidão é entendida no Brasil, a partir dos diferentes paradigmas e autores que são usados como referência nestes estudos². Entendendo que Emília Viotti se relaciona de forma nítida com a metodologia historiográfica de Caio Prado Jr., comparamos alguns aspectos de suas produções, assim como um olhar para a inserção da autora na chamada Escola Paulista de Sociologia, a luz de uma análise mais minuciosa de sua obra. Nesse sentido, o esforço do artigo pretende situar o lugar de Emília Viotti da Costa dentro do que se chama de pensamento social brasileiro: como a noção de síntese marxista aparece em Viotti e em Prado Jr? Qual o seu lugar como intérprete do Brasil? Um dos principais esforços para buscar respostas para as perguntas anteriores é o entendimento da noção de **formação** dentro da historiografia brasileira e o próprio conceito de **pensamento social brasileiro**.

As principais documentações utilizadas no decorrer da pesquisa foram as inúmeras obras de Emília Viotti da Costa publicadas entre as décadas estudadas, além da leitura de artigos escritos posteriormente a década de 1990; o Inventário Emília Viotti da Costa localizado na Universidade Federal de São Carlos; entrevistas e homenagens realizadas com ou para Emília Viotti da Costa, especialmente entre 1999 e 2017 (data de seu falecimento) e a realização de entrevistas próprias da pesquisa com as ex-alunas de Viotti, professoras e pesquisadoras da Universidade de São Paulo Raquel Glezer e Ana Maria Camargo. Além

² Focamos aqui na Escola Paulista de Sociologia, fortemente influenciada por Caio Prado Jr. e na chamada “nova História” dos anos 1980, que tem como grande referência as análises de E.P Thompson sobre agência dos sujeitos marginalizados relacionadas com as interpretações de Gilberto Freyre sobre as relações no âmbito da vida privada entre senhores e escravos no contexto da escravidão.



destas documentações, realizamos uma série de leituras que debatem o marxismo brasileiro, a tradição historiográfica do país e a discussão entre experiência e processos na História a partir da obra *Questão de Método* de Jean-Paul-Sartre.

Os primeiros resultados da pesquisa até então apontaram para importantes conclusões sobre o debate a respeito de raça e escravidão dentro das obras de Emília Viotti da Costa, suas relações com a historiografia sobre o assunto (tanto contemporânea quanto anterior a suas publicações) e para o entendimento do lugar que vem sendo construído para a autora na perspectiva de um Pensamento Social Brasileiro. No que diz respeito à escravidão e a raça, pudemos observar que Viotti, ao mesmo tempo que não abandona a importância do entendimento dos grandes processos e modificações econômicas ao longo de suas obras, dá uma ênfase bastante marcada aos episódios de revoltas e rebeliões escravas ao longo do XIX (período que circunscreve grande parte de seus estudos). Além de dar ênfase as revoltas escravas, Viotti enfatiza, especialmente em sua obra *Da Senzala à Colônia*, a centralidade das rebeliões e mobilizações escravas no Brasil para o processo de abolição, rebeliões essas que aparecem de forma ainda mais intensa e central no livro *Coroas de Glória, lágrimas de sangue: A revolta dos escravos de Demerara em 1823*. De forma bastante diferente de Caio Prado Jr., historiador muito influente na obra de Viotti, a autora nega o lugar de passividade dado aos sujeitos escravizados, não deixando portanto de abordar a escravidão pela ótica da violência do sistema, tradição recuperada de Caio Prado Jr.

Percebemos ao longo do mapeamento das homenagens, notas de falecimento e visita ao arquivo Emília Viotti da Costa na Universidade Federal de São Carlos como vem operando, de diversas formas, a construção da memória e da biografia de Emília Viotti no Brasil. Em primeiro lugar, a ênfase em sua atuação como professora é um elemento muito mais destacado do que seu lugar como intérprete do Brasil e, em segundo lugar, vemos que



não ocorre um processo de monumentalização de sua obra e produção como algo específico e singular, como se faz nítido pelas obras de balanço historiográfico que apresentam Viotti como mais uma das autoras que compunham a Escola Paulista de Sociologia. Essas discussões ainda vem sendo aprofundadas na pesquisa.

Nossa hipótese ao longo da pesquisa foi de que, associada com as perspectivas de Jean Paul Sartre, autor extremamente influente na USP dos anos 1960 e referenciado em uma série de textos por Viotti, a autora cria um tipo de interpretação histórica que, se aproximando de uma proposta entendida como síntese histórica (proposta essa defendida pela própria autora em uma série de entrevistas), dá uma grande ênfase aos movimentos de revolta e rebelião escrava nos processos de abolição, tidos por ela como elemento fundamental para entender as modificações que se deram no XIX e XX no Brasil. Além deste aspecto, se fez claro ao longo da pesquisa o lugar de centralidade de Viotti confere ao processo da escravidão no Brasil, como herança que se apresenta no tempo de escrita da própria autora.